

Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação as DST/HIV/AIDS

Adolescent students knowledge about transmission, prevention and risky behavior related to STD/HIV/AIDS

Conocimiento de estudiantes adolescentes sobre transmisión, prevención y comportamientos de riesgo en relación a DST/VIH/SIDA

Richardson Augusto Rosendo da Silva¹; Ana Raquel Cortês Nelson²; Fernando Hiago da Silva Duarte³; Nanete Caroline da Costa Prado⁴; Jose Rebberty Rodrigo Holanda⁵; Danyella Augusto Rosendo da Silva Costa⁶.

Como citar este artigo:

Silva RAR; Nelson ARC; Duarte FHS; et al. Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação as DST/HIV/AIDS. Rev Fund Care Online. 2016 out/dez; 8(4):5054-5061. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i4.5054-5061>

ABSTRACT

Objective: To evaluate adolescents' knowledge, public school students in the city of Natal/RN, about transmission, prevention and risk behavior regarding STD/HIV/AIDS. **Methods:** Descriptive study with a quantitative approach carried out from March to December 2013 with 222 students of a public school in the city of Natal, Northeastern Brazil. Data were collected from a semi-structured questionnaire answered in the classroom. This study was approved by the Ethics Committee in Research of the Federal University of Rio Grande do Norte, CAAE: 13831113.6.0000.5537. Prior written consent was obtained from parents or caregivers and adolescents. The inclusion criteria consisted of the student being regularly enrolled in school, in high school, and agree to participate voluntarily in the research. **Results:** The study found significant levels of ignorance about transmission, prevention and treatment of AIDS, and elucidated some risk behaviors that make young people vulnerable to STD/AIDS. **Conclusion:** Sexual orientation programs in schools are needed to encourage adolescents for a safe sexual behavior, healthier and less exposed to risk.

Descriptors: Adolescent Health; School Health; HIV; Acquired Immunodeficiency Syndrome; Sexually Transmitted Diseases; Sexual Behavior.

¹ Enfermeiro. Doutor em Ciências da Saúde. Professor Adjunto III do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado Acadêmico e Doutorado) em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa Práticas Assistenciais e Epidemiológicas em Saúde e Enfermagem (PAESE/UFRN). Natal/RN, Brasil. E-mail: rirosendo@yahoo.com.br.

² Enfermeira pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, Brasil. E-mail: ana_nelson88@hotmail.com.

³ Enfermeiro da Estratégia de Saúde da Família de São Paulo do Potengi/RN. Natal/RN, Brasil. E-mail: fernandohiago@hotmail.com

⁴ Enfermeira. Residente em Terapia Intensiva Neonatal (RES/TERINTNEO) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, Brasil. E-mail: caroline_k16@hotmail.com.

⁵ Médico. Residente em Medicina da Família e Comunidade pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, Brasil. E-mail: rebbertyufrn@hotmail.com.

⁶ Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PGENF/UFRN). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal/RN, Brasil. E-mail: danyellaaugusto@yahoo.com.br.

RESUMO

Objetivo: Avaliar o conhecimento de adolescentes, estudantes de uma escola pública na cidade de Natal/RN, sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação à DST/HIV/AIDS. **Métodos:** Estudo descritivo-exploratório, com abordagem quantitativa, realizado de março a dezembro de 2013 com 222 estudantes de uma escola da rede pública de ensino na cidade de Natal, Nordeste do Brasil. Os dados foram coletados a partir de um questionário semiestruturado respondido em sala de aula. Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, CAAE: 13831113.6.0000.5537. Foi obtido dos pais ou responsáveis e do adolescente o prévio consentimento por escrito. O critério de inclusão consistia em o aluno ser regularmente matriculado na escola, cursando o ensino médio e aceitar participar espontaneamente da pesquisa. **Resultados:** O estudo apontou índices significativos de desconhecimento em relação à transmissão, prevenção e tratamento da AIDS e elucidou alguns comportamentos de risco que tornam a população jovem vulnerável às DST/AIDS. **Conclusão:** Programas de orientação sexual nas escolas são necessários para incentivar os adolescentes a terem um comportamento sexual seguro, saudável e menos exposto a riscos. **Descritores:** Saúde do Adolescente, Saúde Escolar; HIV, Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, Doenças Sexualmente Transmissíveis; Comportamento Sexual.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar el conocimiento de adolescentes, estudiantes de una escuela pública en la ciudad de Natal/RN, sobre transmisión, prevención y comportamientos de riesgo en relación a las DST/VIH/AIDS. **Métodos:** Estudio descriptivo-exploratorio con enfoque cuantitativo realizado de marzo a diciembre de 2013 con 222 estudiantes de una escuela de la red pública de enseñanza en la ciudad de Natal, Nordeste del Brasil. Los datos fueron recogidos a partir de un cuestionario semi-estructurado respondido en sala de aula. Este trabajo fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte, CAAE: 13831113.6.0000.5537. Hubo previo consentimiento por escrito de los padres o responsables y del adolescente o. El criterio de inclusión consistía en el alumno ser regularmente matriculado en la escuela, cursando la secundaria, y aceptar participar espontáneamente de la investigación. **Resultados:** El estudio mostró índices significativos de desconocimiento en relación a transmisión, prevención y tratamiento del sida, y elucidó algunos comportamientos de riesgo que tornan la población joven vulnerable a las DST/sida. **Conclusión:** Programas de orientación sexual en las escuelas son necesarios para incentivar a los adolescentes para un comportamiento sexual seguro, sano y menos expuesto a riesgos. **Descriptor:** Salud de los Adolescentes; Salud Escolar; VIH; Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida; Enfermedades Sexualmente Transmisibles; Conducta Sexual.

INTRODUÇÃO

As transformações biopsicossociais que ocorrem na adolescência podem interferir no processo natural do seu desenvolvimento, fazendo com que eles sintam necessidade de vivenciar comportamentos e situações que os deixem mais vulneráveis a riscos para a sua saúde, inclusive, quanto ao aspecto da sexualidade.¹

Dessa forma, os adolescentes costumam ser um dos grupos mais vulneráveis a comportamentos de risco para aquisição de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). O início precoce da atividade sexual, a multiplicidade de parceiros, o uso esporádico de preservativo, o consumo de bebida alcoólica e drogas ilícitas têm sido considerados preceptores para as DST.¹

No Brasil, estima-se que, a cada ano, quatro milhões de jovens tornam-se sexualmente ativos e que ocorram cerca de 12 milhões de DST ao ano, das quais um terço em indivíduos com menos de 25 anos.² Considerando o longo período de latência da infecção pelo HIV/AIDS, estes dados sugerem que a infecção ocorra, provavelmente, na adolescência.³

Os jovens são um segmento vulnerável em todas as sociedades do mundo globalizado. Segundo publicação do Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP)⁴, a cada 14 segundos, um jovem entre 15 e 24 anos é infectado pelo HIV; e de todas as novas infecções, cerca da metade ocorre nessa faixa etária. Portanto, a implementação de programas de prevenção voltados para jovens, antes que eles iniciem práticas comportamentais que possam aumentar o risco de transmissão do HIV, bem como a avaliação do seu impacto, tornam-se imprescindíveis.

Nesse contexto, é possível elucidar a escola como forte ambiente de interferência na educação sexual do adolescente. Sabe-se que a escola é um cenário muito apropriado para o desenvolvimento de um programa de educação sexual, porque além de uma ação direta que exerce sobre os educandos, indiretamente incentiva a própria família a desempenhar o seu papel.⁵

A escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida e é um dos principais elementos para contatos interpessoais, por isso deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de autorresponsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade.⁶

Diante do exposto, sabendo que a orientação sexual é um fator essencial ao desenvolvimento seguro da sexualidade na adolescência e tendo a escola como cenário propício a este trabalho, partiu-se das seguintes questões de pesquisa: o que os adolescentes, estudantes de uma escola pública, sabem sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação às DST/HIV/AIDS? Os adolescentes já receberam orientação sobre HIV/AIDS fora e dentro do ambiente escolar? Qual o tipo de orientação recebida?

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento de adolescentes, estudantes de uma escola pública, sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação às DST/HIV/AIDS.

Nesse sentido, a presente pesquisa justifica-se diante da possibilidade de se aprofundar as discussões sobre as práticas de prevenção às DST/AIDS utilizadas pelos adolescentes. O estudo é relevante, pois possibilita contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento dos programas de prevenção e promoção da saúde, bem como campanhas de educação

sexual voltadas para os adolescentes no ambiente escolar com a perspectiva de promover uma melhor qualidade de vida e saúde.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem quantitativa, realizado de março a dezembro de 2013 com 222 estudantes que cursavam o ensino médio de uma escola pública localizada na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil.

O desenho de estudo descritivo promove um delineamento da realidade, uma vez que este descreve, registra, analisa e interpreta a natureza atual ou processos dos fenômenos. Afirmam os autores que o enfoque deste método sobre as condições dominantes da realidade ou como uma pessoa, grupo ou coisa se conduz ou funciona no presente, empregando para este fim a comparação e o contraste. Na resolução de problemas, informa as condições atuais, necessidades e como alcançar resultados.⁷

A seleção da escola pública de ensino médio foi feita por conveniência, condicionada à permissão dos dirigentes. A amostra foi estabelecida de acordo com o cálculo para populações finitas com erro amostral de 5% e a confiabilidade de 95%, constituindo-se, assim, uma amostra de 222 pacientes.

O presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CEP/UFRN) de acordo com as disposições da Resolução nº 466/12, definidoras das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, recebendo parecer favorável com CAAE: 13831113.6.0000.5537.

Foi obtido dos pais ou responsáveis e do adolescente o prévio consentimento por escrito, sendo a não autorização ou o adolescente não querer participar da pesquisa o único critério de exclusão. O critério de inclusão consistia em o aluno ser regularmente matriculado na escola, cursando o ensino médio, e aceitar participar espontaneamente da pesquisa.

Utilizou-se um questionário semiestruturado, auto-preenchível, anônimo, desenvolvido pelos autores, contendo duas partes. A primeira trazia questões sobre a caracterização sociodemográfica, tais como sexo, série de curso, idade, estado civil, número de filhos, religião, residência, situação de moradia, itens existentes na moradia dos participantes e escolaridade mais elevada do chefe da família. Já a segunda abordava quesitos sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação às DST/HIV/AIDS e orientação sexual fora e no ambiente escolar, bem como os tipos de orientação recebida.

Para corrigir possíveis imperfeições e elaborar o instrumento definitivo, foi realizado previamente o teste piloto do questionário em adolescentes de outra escola. Os questionários foram aplicados pelos pesquisadores e respondidos em sala de aula, explicando-se previamente o objetivo da pesquisa e solicitando-se a assinatura do TCLE, atendendo à Resolução do Conselho Nacional de Saúde para realização com seres

humanos assegurando o anonimato das entrevistas, bem como a desistência em qualquer momento da pesquisa.

Os dados obtidos foram analisados por meio da estatística descritiva e os resultados foram divididos em três categorias (conhecimento sobre DST/AIDS, comportamentos de risco e orientação sexual nas escolas) e apresentados em formas de tabelas com os valores das frequências e percentuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra do estudo constituiu-se de 222 participantes. Na distribuição dos questionários por sala de aula, a maior participação foi de alunos matriculados no primeiro ano do ensino médio 111 (50%), em relação ao gênero, a maioria dos estudantes era do sexo feminino, 133 (60%), com faixa etária predominante de 16 a 17 anos de idade (45%). Quanto ao estado civil, 217 (98%) eram solteiros e 212 (96%) não tinham filhos. No que se refere à religião, os participantes consideraram-se predominantemente católicos, 117 (53%). Os dados serão ilustrados na figura abaixo.

Figura 1 - Caracterização sociodemográfica dos adolescentes matriculados no ensino médio de uma escola pública. Natal/RN (2013)

Dados sociodemográficos		
Caracterização sociodemográfica	N	%
Sexo		
Feminino	133	60
Masculino	89	40
Faixa Etária		
14 - 15 anos	73	33
16 - 17 anos	99	45
18 - 19 anos	44	20
≥ 20 anos	5	2
Escolaridade - série do ensino médio		
1º ano	111	50
2º ano	35	16
3º ano	74	34
Estado civil		
Solteiro	217	98
Casado	6	1
Separado	1	1
Religião		
Católico	119	53
Protestante	60	26
Sem religião	22	10
Outro	24	11
Filhos		
Tem filhos	10	4
Não tem filhos	212	96
Total	222	100

Fonte: dados coletados pelos pesquisadores.

Quando questionados sobre o grau de escolaridade do chefe da família, 64 (29%) dos estudantes disseram ser o ensino médio completo. Em relação à moradia, 137 (62%) dos entrevistados moravam em casa própria. A maioria dos participantes, ou seja, 178 (81%) disseram morar com os pais. Os dados socioeconômicos, em sua plenitude, estão expressos na figura abaixo.

Figura 2 - Caracterização socioeconômica dos adolescentes matriculados no ensino médio de uma escola pública. Natal/RN (2013)

Dados socioeconômicos		
Caracterização socioeconômica	N	%
Escolaridade mais elevada do chefe da família		
Analfabeto	4	2
1ª a 3ª série do ensino fundamental	20	9
4ª a 7ª série do ensino fundamental	32	14
Ensino fundamental completo	32	14
1ª ou 2ª série do ensino médio	33	15
Ensino médio completo	64	29
Superior incompleto	17	8
Superior completo	20	9
Residência		
Casa própria	138	62
Casa alugada	84	38
Situação de moradia		
Sozinho	4	2
Com os pais	178	81
Outros membros da família	39	18
Itens existentes na moradia dos participantes		
Televisão		
Não tem	6	2
Apenas uma	76	34
Até duas	78	36
Até três	46	21
Até quatro	16	7
Rádio		
Não tem	65	29
Apenas um	110	50
Até dois	35	15
Até três	8	4
Até quatro	4	2
Banheiro		
Não tem	2	1
Apenas um	112	50
Até dois	80	36
Até três	16	7
Até quatro	12	6
Banheiro		
Não tem	86	39

(Continua)

(Continuação)

Apenas um	95	44
Até dois	28	13
Até três	11	4
Até quatro	2	1
Máquina de lavar		
Não tem	49	22
Até uma	160	73
Até duas	11	4
Até três	2	1
Até quatro	0	0
DVD		
Não tem	33	14
Apenas um	129	58
Até dois	45	21
Até três	13	6
Até quatro	2	1
Geladeira		
Não tem	5	1
Apenas uma	196	89
Até duas	18	8
Até três	3	1
Até quatro	0	0
Computador		
Não tem	39	17
Apenas um	113	51
Até dois	44	20
Até três	20	9
Até quatro	6	3
Acesso à internet		
Sim	176	80
Não	46	20
Total	222	100

Fonte: dados coletados pelos pesquisadores.

Conhecimento sobre DST/AIDS

Ao serem questionados sobre o Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV) ser o agente causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), 175 (80%) dos alunos responderam que sim, 30 (14%) não sabiam e 15 (7%) responderam que não.

Interrogados sobre a possibilidade de uma pessoa de aparência saudável poder estar contaminada com o HIV, 110 (50%) responderam que não, 88 (40%) responderam que não sabiam e 24 (10%) que sim.

Quando questionados se a AIDS é uma doença que afeta apenas o gênero masculino, 205 (93%) responderam que não, 12 (5%) não sabiam e 4 (2%) que sim. Interrogou-se se AIDS é uma doença que ocorre apenas em homossexuais masculinos, prostitutas e usuários de drogas, 196 (89%) responderam que não, 13 (6%) não sabiam e 12 (5%) que sim.

Quanto à possibilidade do uso de talheres, copos ou refeições compartilhados com uma pessoa infectada poder transmitir o HIV, 136 (62%) responderam que não, 49 (22%) que sim e 36 (16%) não sabiam. Questionados se o HIV pode ser transmitido por picada de mosquito, 128 (58%) responderam que não, 60 (27%) não sabiam e 33 (15%) que sim. Em relação ao abraço ou o beijo no rosto transmitir o HIV, 183 (83%) responderam que não é possível, 25 (11%) não sabiam e 13 (6%) que sim. No que se refere à transmissão do HIV por meio de sabonetes, toalhas ou assentos sanitários, 126 (57%) responderam que não, 55 (25%) não sabiam e 40 (18%) que sim. Indagados se é possível o contágio do HIV pelo uso compartilhado de agulhas e seringas, 201 (91%) responderam que sim, 14 (6%) não sabiam e 6 (3%) que não.

Interrogou-se, ainda, sobre as vias sexuais de transmissão do HIV, em relação ao contágio através do sexo oral, 121 (55%) responderam que não sabiam, 72 (33%) que sim e 28 (13%) que não. Já sobre o tipo de sexo anal poder transmitir o HIV, 139 (63%) responderam que sim, 66 (30%) não sabiam e 16 (7%) que não.

Quanto à transmissão vertical do HIV, os participantes foram indagados se uma gestante portadora do HIV pode

transmitir para o seu filho durante a gestação, 156 (71%) responderam que não sabiam, 47 (21%) que não e 18 (8%) que sim. Com relação à transmissão do HIV através do leite materno, 77 (35%) afirmaram que não, 38 (17%) responderam que sim e 106 (48%) que não sabiam.

Quando questionados se o uso do preservativo (camisinha) masculino ou feminino pode evitar a transmissão do HIV, 208 (93%) dos estudantes responderam que sim, 6 (3%) que não e 7 (4%) não sabiam. A Figura 3 elucida melhor os resultados acima.

Ao serem interrogados se a AIDS tem tratamento, 171 (77%) responderam que não sabiam, 27 (12%) que sim e 23 (10%) que não. Com relação à AIDS ter cura, 175 (79%) responderam que não, 31 (14%) não sabiam e 15 (7%) que tem cura.

Figura 3 - Conhecimento sobre DST/AIDS de adolescentes matriculados no ensino médio de uma escola pública. Natal/RN (2013)

CONHECIMENTO SOBRE HIV/AIDS	SIM (N)	%	NÃO (N)	%	NÃO SABE (N)	%
O vírus HIV ser agente causador da AIDS	175	80	15	7	30	14
Pessoa de aparência saudável pode estar contaminada por AIDS	24	10	110	50	88	40
AIDS afeta apenas homossexuais masculinos, prostitutas e usuários de drogas	12	5	196	8	13	6
TRANSMISSÃO DST/AIDS						
Por talheres, copos, ou refeições compartilhados	49	22	136	62	36	16
Picada de mosquito	33	15	128	58	60	27
Abraço ou beijo no rosto	13	6	183	83	25	11
Por meio de sabonetes, toalhas ou assentos sanitários	40	18	126	57	55	25
Pelo uso compartilhado de agulhas e seringas	201	91	6	3	14	6
Através de sexo oral	72	33	28	13	121	55
Através de sexo anal	139	63	16	7	66	30
Durante a gestação	18	8	47	21	156	71
Através do leite materno	38	17	77	35	106	48
Preservativo evita transmissão	208	93	6	3	7	4

Fonte: dados coletados pelos pesquisadores.

Comportamentos de risco

Dos participantes do estudo, 133 (60%) responderam que já tiveram relação sexual. Destes, 120 (90%) afirmaram que já tiveram pelo menos uma relação sexual sem o uso do preservativo. Além disso, 7 (5%) relataram que nunca usam a camisinha nas relações sexuais.

Indagados sobre a seguinte situação: “Recentemente, conheci alguém interessante, rolou um clima, e deu uma enorme vontade de transar. Aí eu...”, 102 (46%) responderam que já vivenciaram tal situação, 65 (64%) relataram que ao passar por esta circunstância acabaram tendo a relação sexual sem o uso da camisinha, 20 (19%) afirmaram que tiveram relação sexual usando uma camisinha que tinham em mãos e 17 (17%) que quase tiveram a relação sexual sem preservativo, mas que desistiram.

Quanto à opinião deles sobre a camisinha, constatou-se que 149 (67%) responderam que é útil para evitar filhos, HIV e Doenças Sexualmente Transmissíveis; 41 (19%) afirmaram que é de fácil manuseio; 21 (10%) que pode ser usada de forma prazerosa; e 10 (5%) que não é necessária a sua utilização com a pessoa que se ama e confia.

Orientação sexual na escola

Dos participantes da pesquisa, 178 (81%) responderam que receberam alguma vez orientações sobre HIV/AIDS fora do ambiente escolar, 34 (15%) não haviam recebido nenhuma orientação sobre HIV/AIDS e 9 (4%) responderam que não lembravam. Em relação ao autor da informação, 85% referiram ser os amigos, 10% irmãos mais velhos e 5% os pais. Questionados se receberam orientação sobre HIV/AIDS na escola, 99 (45%) responderam que sim e 123 (55%) responderam que não. Dos que receberam informações sobre HIV/AIDS, 141 (64%) responderam que receberam informações sobre as formas de prevenção, 40 (18%) sobre comportamento de risco relacionado ao HIV/AIDS, 34 (15%) orientações sobre as formas de transmissão e 6 (3%) sobre o tratamento da doença.

Atualmente, os adolescentes discutem mais sobre comportamento sexual, os riscos das doenças sexualmente transmissíveis e prevenção da gravidez, mas no que se refere aos conhecimentos gerais relacionados às DST, pode-se observar que este tema não é totalmente conhecido pelos adolescentes deste estudo de acordo com os resultados avaliados. Contudo, nota-se que as conversas e os diálogos relacionados ao tema transitam apenas na superficialidade, ou seja, não há esclarecimento sobre os devidos cuidados sobre o uso de contraceptivos, antes do início da vida sexual.⁹

Paralelamente aos resultados, autores relatam que a primeira relação sexual para o adolescente traduz o significado de autonomia, passando a viver a sexualidade de maneira mais liberal. Nos últimos anos, observou-se que a iniciação sexual tem sido cada vez mais precoce, por volta

de 14 e 15 anos de idade, porém essa decisão varia entre homens e mulheres.¹⁰

É fato que a percepção da atividade sexual e a vida amorosa dos adolescentes desta geração são bastante diferentes das gerações anteriores devido à multiplicidade de parceiros sexuais, diversidade e forma de relacionamento, propiciando aumento da aquisição das infecções ou da gravidez.⁹

No que se refere à faixa etária dos alunos, este estudo pode avaliar indivíduos desde os 14 anos de idade até alunos acima de 20 anos de idade, que de acordo com os estudos avaliados estão dentro da faixa etária referente ao início da vida sexual da maioria dos indivíduos, nos dias atuais. Isto revela que o nível de escolaridade dos adolescentes estava próximo ao esperado nesta faixa etária, pois um adolescente/jovem de dezoito anos deve estar concluindo o ensino médio.¹¹

Quanto ao estado civil dos pesquisados, estudos apontam que os adolescentes solteiros são mais inclinados a se relacionarem com múltiplos parceiros, porém os que residem com os pais, nesse período, têm menor possibilidade de adquirir uma DST/HIV. Ou seja, a família atua como referência para orientar sobre a saúde, dialogar sobre as questões sexuais e reprodutivas.¹¹

Entre os 220 adolescentes avaliados, 40% já deram início à atividade sexual, dentre estes 14% iniciaram entre os 14 e 15 anos de idade, e 26% deram início após os 16 anos de idade. Isso comprova o início precoce da vida sexual destes indivíduos. Um estudo realizado no estado de São Paulo revelou que a idade média para o início da vida sexual entre os adolescentes foi de 14,8 anos. Logo, aos 19 anos de idade, uma grande parcela já iniciou a vida sexual. Este fato comprova a antecipação da idade de iniciação sexual afetando significativamente nas concepções que cercam o comportamento sexual na adolescência, como também na elaboração e implementação de estratégias da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.¹²

Outro estudo realizado em São Paulo/SP relata que adolescentes tiveram sua primeira relação sexual porque sentiam a necessidade de perder a virgindade, pois a partir de certa idade a virgindade passa a ser um peso na vida dos adolescentes, servindo também como elemento de pressão para que haja a iniciação sexual.¹¹

Além disso, a sexualidade é uma manifestação individual e social. O desenvolvimento sexual do adolescente é influenciado por ele próprio, pela família e pelo seu grupo de iguais, porém a pressão exercida por esse grupo contribui como fator importante para o início da sexualidade.¹³

Alguns estudos apontam o baixo índice do uso de preservativos pelos adolescentes na primeira relação sexual, o que pode ser confirmado pelos resultados deste estudo. Isso está relacionado às dificuldades de negociação entre parceiros. A literatura também traz concepções de adolescentes que ainda associam o uso do preservativo como interferência no prazer nas relações sexuais.¹³

Uma pesquisa realizada no Piauí revelou que o uso de preservativo na primeira relação sexual é frequente, todavia

o conhecimento sobre o uso do preservativo não é suficiente para desencadear uma atitude favorável, sendo necessário reforçar a orientação contínua para que os adolescentes tenham uma vida sexual livre de riscos. E para isso, cabe à família, à escola e aos serviços de saúde orientarem esses adolescentes antes de iniciarem suas atividades sexuais a fim de minimizarem os riscos das DST e da gravidez indesejada.¹⁴

São várias as razões desses comportamentos sexuais desprotegidos entre adolescentes. Uma delas é a desinformação, na medida em que os adolescentes parecem desconhecer o seu período fértil ou o uso de anticoncepcionais do modo correto; ou simplesmente não acreditam na existência do risco de gravidez e doenças desde a primeira relação sexual, considerando-se indestrutíveis e inatingíveis em seu pensamento mágico.¹⁵

No que se refere aos conhecimentos gerais sobre as DST/AIDS, observou-se que este tema não é totalmente desconhecido pelos adolescentes estudados, embora o número de adolescentes que evidenciaram algum nível de conhecimento sobre DST tenha sido significativo. Assim, é importante reforçar essa temática nas escolas e difundir o diálogo sobre os riscos das doenças sexualmente transmissíveis.¹⁶

Nesse contexto, Romero et al. descreveram que 12% entre todos os adolescentes que participaram de seu estudo acreditavam que a AIDS podia ser transmitida por picadas de inseto e compartilhamento de objetos, como pratos, talheres ou copos utilizados por um portador da doença. Relataram, ainda, que o nível de conhecimento é diferente conforme o nível socioeconômico e que estas falhas de conhecimento poderiam contribuir para gerar, nos adolescentes, crenças que os fizessem pensar que a AIDS não os atingiria. No presente estudo, verificou-se a existência de percentuais semelhantes, o que corrobora a desinformação e necessidade iminente de ações de conscientização voltadas aos jovens estudantes brasileiros.¹⁵

Quanto ao conhecimento sobre a AIDS, estudos apontam que a percepção atual da AIDS e dos pacientes portadores do vírus HIV modificou consideravelmente, descaracterizando o perfil antigamente adotado quando se pensava que apenas os *gays* adultos, os homens e os usuários de drogas eram portadores da doença.¹⁶

Referente à forma de prevenção, estudos apontam que, no Brasil e em outros países, observou-se um aumento significativo do uso do preservativo pelos adolescentes, entretanto, em outros estudos, adolescentes relataram nunca ter usado o preservativo, embora fossem conhecedores dos riscos.¹⁴

Quanto à cura e tratamento, grande parte da população referiu ter conhecimento sobre o assunto ou já ouviu falar em estratégias que minimizem os sinais clínicos da AIDS. Contudo, deve-se considerar, ainda, que afirmar “conhecer uma doença” pode significar simplesmente ter ouvido falar dela e, muitas vezes, vagamente. As escolas, campanhas, serviços de saúde, enfim, todas as entidades ou pessoas envolvidas na orientação do adolescente, incluindo-se a sexual, devem preocupar-se não só em transmitir o conhecimento,

mas em fazer reforços periódicos dos ensinamentos, pois muitas vezes os adolescentes não estão com sua atenção voltada para a questão da prevenção.¹⁷

Nesse sentido, grande parte dos alunos entrevistados disse já ter tido alguma orientação sobre HIV/AIDS na escola, sendo assim é válido ainda salientar a importância da inclusão da educação sexual nas escolas, pois a mesma é essencial nesse processo de orientação mudando a realidade, a compreensão e aumentando o conhecimento sobre os riscos das doenças sexualmente transmissíveis e na prevenção das DST/AIDS. Logo, fica evidente que as DST constituem um sério problema de saúde pública entre os jovens brasileiros que requer combate incisivo e ininterrupto.

CONCLUSÃO

De modo geral, os estudantes que participaram desta pesquisa eram, em sua maioria, do sexo feminino, com faixa etária de 16 a 17 anos, solteiros, residiam com os pais, sem filhos e de religião católica.

Identificou-se que a maioria dos adolescentes desconhece a possibilidade do contágio das DST/AIDS por meio do sexo oral, transmissão vertical e do leite materno, além da probabilidade de uma pessoa de aparência saudável poder estar contaminada com o HIV. Constatou-se que dentre os participantes do estudo, que já tiveram relação sexual, a maioria afirmou já ter vivenciado pelo menos uma relação sexual sem o uso do preservativo, alguns continuam não utilizando a camisinha nas relações sexuais e outros não consideram necessária a sua utilização com a pessoa que se ama e confia.

Ficou evidente que a maioria dos participantes do presente estudo não havia recebido orientações sobre HIV/AIDS no ambiente escolar. No entanto, uma grande parcela recebeu fora da escola, principalmente por amigos, as quais podem ser superficiais, carregadas de tabus e preconceitos e advindas de fontes não confiáveis, que também, muitas vezes, não tiveram acesso à educação sexual.

Por fim, os resultados desta investigação apontaram índices significativos de desconhecimento dos adolescentes em relação à transmissão, prevenção e tratamento da AIDS, assim como elucidou alguns comportamentos de risco que tornam essa população vulnerável às DST/AIDS, como o início precoce da vida sexual e o uso pouco frequente da camisinha.

Dessa forma, é iminente a necessidade de programas efetivos de orientação sexual nas escolas com a atenção voltada à saúde integral do adolescente com o intuito de impedir que os jovens se envolvam em situações de vulnerabilidade que possam gerar danos a sua saúde e, assim, proporcionar conhecimento consistente, capaz de gerar um comportamento sexual seguro, saudável e menos exposto a riscos.

REFERÊNCIAS

1. Silva P, Oliveira MDS, Matos MA, Tavares VR, Medeiros M, Brunini S, et al. Comportamentos de risco para as doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes escolares de baixa renda. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 2005; 7(2): 185 -9.
2. Ministério da Saúde (BR). Programa Nacional de DST e AIDS. *Boletim epidemiológico AIDS* [periódico na Internet]. 2012 [citado 2013 Dez 11]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/publicacao/2012/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2012>.
3. Oliveira SHS, Dias MR, Silva MIT. Adolescentes e AIDS: Fatores que Influenciam a Intenção de Uso do Preservativo. *J Bras Doenças Sex Transm* 2005;17(1):32-8.
4. Fondo de Población de las Naciones Unidas. Estado de la población mundial 2003: inversiones en su salud e sus derechos. Nova York: UNFPA, 2003.
5. Jardim DP, Bretas JRS. Orientação sexual na escola: A concepção dos professores de Jandira- SP. *Rev. bras. enferm.* 2006; 59(2): 157-162.
6. Costa COM, Lopes CPA, Souza RP, Patel BN. Sexualidade na adolescência desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *J Ped.* 2001; 77(2): 217-24.
7. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo (SP): Atlas; 1992.
8. Assis MR, Silva LR, Pinho AM, Moraes LEO, Lemos A. Gravidez na adolescência e sua relação com a prática do sexo seguro. *Rev. Enferm. UFPE on line* [internet]. 2013 [cited 2013 dez abr];7(4):1073-80. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3028/pdf_2358.
9. Araújo TME, Monteiro CFS, Mesquita GV, Alves ELM, Carvalho KM, Monteiro RM. Fatores de risco para infecção por HIV em adolescentes. *Rev. Enferm. UERJ*. [internet]. 2012 [cited 2013 dez18]; 20(2):242-7. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/viewArticle/4072>
10. Costa ACPJ, Lins AG, Araújo MFM, Araújo TM, Gubert FA, Vieira NFC. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz – Maranhão. *Rev. Gaúcha Enferm.* [internet] 2013 [cited 2013 dez 18]; 34(3):179-186. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n3/a23v34n3.pdf>.
11. Barbosa SM, Costa PNP, Vieira NFC. O comportamento dos pais em relação à comunicação com os filhos adolescentes sobre prevenção de HIV/AIDS. *Rev. RENE. Fortaleza.* [internet]. 2008 [cited 2013 dez 18];9(1):96-102. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/527/pdf>.
12. Albuquerque JG, Pinheiro PNC, Lopes MVO, Machado MFAS. Conhecimento deficiente acerca do HIV/AIDS em estudantes adolescentes: identificação de diagnóstico de enfermagem da NANDA. *Rev. Eletr. Enf.* [internet]. 2012 [cited 2013 dez 18];14(1):104-11. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v14/n1/pdf/v14n1a12.pdf.
13. Brêtas JRS, Ohara CVS, Jardim DP. O comportamento sexual de adolescentes em algumas escolas no município de Embu, São Paulo, Brasil. *Rev. Gaúcha Enferm.* [internet]. 2008 [cited 2013 dez 18]; 29(4):581-7. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/3875/6543>.
14. Mendonça RCM, Araújo TME. Métodos contraceptivos: a prática dos adolescentes das Escolas Agrícolas da Universidade Federal do Piauí. *Esc. Anna Nery Rev.* [Internet]. 2009 [cited 2013 dez 18]; 13:863-71. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n4/v13n4a24.pdf>.
15. Romero KT, Medeiros EHGR, Vitale MSS, Wehbba J. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. *Rev. Assoc. Med. Bras.* [internet]. 2007 [cited 15 dez 2013]; 53(1): 14-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v53n1/12.pdf>.
16. Silva RAR, Duarte FHS, Nelson ARC, Holanda JRR. A epidemia de aids no Brasil: análise do perfil atual. *Rev enferm UFPE on line.* [intenet]. 2013 [cited 2013 dez 18];1(10):6039-8. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/4882/pdf_3677.
17. Martins LBM, Costa-Paiva L, D'Osís MJ, Sousa MH, Pinto Neto AM, Tadini V. Conhecimentos sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. *Rev Saúde Pública.* [internet]. 2006 [cited 2013 dez 15];40(1):57-64. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n1/27116.pdf>.

Recebido em: 17/03/2014

Revisões requeridas: 24/11/2014

Aprovado em: 10/02/2015

Publicado em: 01/10/2016

Autor correspondente:

Ana Raquel Nelson

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Campus Central . Departamento de Enfermagem.
Rua Lagoa Nova, S/N. Natal (RN), Brasil.
CEP: 59078-970.